

Material Expresso: Irgun Tzvai Leumi

Betar Rio

2023

1 Introdução

A História e a luta pela construção do Estado de Israel sempre foram marcadas por diversos conflitos. Desde a conquista da terra de Cnaan, por Yehoshua ben Nun, passando pelo estabelecimento e pela colonização judaicas no tão disputado território, posteriormente dominado por babilônios, persas, romanos, turcos e britânicos, até chegar a Yom Haatzmaut, no dia 5 de Iyar de 5708 - ou 14 de maio de 1948 -, a luta armada - militar ou paramilitar - fez parte da rotina do povo judeu.

Se, durante anos, os exércitos dos melachim (reis) Shaul, David e Shlomo defenderam nosso território, a situação pouco se alterou em mais de três milênios. Na realidade, as únicas diferenças são os soldados e os inimigos. Os soldados, que antes eram, não raro, camponeses ou chefes de famílias e tribos lutando contra os moabitas, amalequitas, filisteus e edomitas, foram substituídos por soldados anônimos - Chaiolim Almonim - como define Avraham Stern na canção homônima. Esses soldados, no entanto, tinham um desejo inexorável de suas índoles: a reconstrução de um lar nacional judaico após dois mil anos de espera. Contudo, agora, seus inimigos eram não mais só os árabes que ali habitavam, mas também os britânicos, que passaram a controlar a área após a derrota turco-otomana na Primeira Guerra Mundial.

Dessa forma, os jovens apaixonados pela ideia de um Estado Judeu - a qual vinha sendo amadurecida, discutida, disseminada e introduzida no pensamento coletivo judaico nos últimos anos do século XIX, bem como no início do século XX, - passaram a se organizar intelectual e militarmente, por meio dos movimentos juvenis e das frentes de batalha, na busca de um único ideal: a construção e, subsequentemente, a consolidação do Lar Nacional para o povo que, há dois mil anos, vivia na diáspora.

Em particular, um homem foi fundamental para tal processo. Um jovem húngaro que, ainda novo, emigrou para a Áustria, procurando realizar seu sonho: se formar em Direito em uma grande universidade europeia. Esse jovem, agora empenhando-se no meio jornalístico, presenciou uma das maiores demonstrações de antissemitismo da história - o caso Dreyfus, o qual o levou, em última análise, a publicar um livro, em 1896, expondo a necessidade da construção do Lar Nacional Judaico. Esse homem ficou conhecido como o pai do sionismo e seu nome se eternizou na memória coletiva judaica. Qualquer judeu, seja um jovem no

Brasil, um adulto em Israel ou um idoso em Nova Iorque, com certeza, já escutou o nome de Binyamin Ze'ev (Theodor) Herzl. Conforme supracitado, Herzl teve uma influência incomensurável na história do povo judeu e, sem dúvida, alicerçou os pilares da Medinat Israel moderna. Contudo, sua contribuição foi ainda maior se considerarmos que Ze'ev Jabotinsky utilizou sua ideia, lapidou-a e criou o chamado "Grande Sionismo", que ficou conhecido, anos mais tarde, como o Sionismo Revisionista. As revisões criadas por Jabotinsky formaram uma espécie de bússola que deveria guiar o futuro Estado Judaico.

Nesta choveret, evidenciaremos a revisão militar, que consistia na criação de um corpo capaz de defender os judeus que viriam a viver em Eretz Israel. Assim, nasceu a semente da autodefesa judaica.

A idealização do projeto da Legião Judaica se deu entre Jabotinsky e Yossef Trumpeldor. Em primeira instância, buscavam criar um grupo de cem mil soldados hebreus que estariam dispostos a tudo para que pudessem ver florescer Medinat Israel. Esses soldados teriam como missão conquistar a terra da antiga Palestina e restabelecer a soberania judaica. A primeira tentativa de formar algo assim foi posta em prática em 1915, com a criação do Zion Mule Corps - o corpo de mulas. Uma evolução dessa frente deu origem à Legião Judaica, composta por cinco batalhões, os quais lutaram ao lado dos britânicos a fim de conquistar o território que outrora pertencera aos turcos otomanos. Dessa forma, pela primeira vez desde a destruição do Segundo Templo, em 70 da Era Comum, os judeus conseguiram se organizar em um exército capaz de lutar pelos interesses mútuos.

2 A semente da autodefesa judaica

Após o final da Primeira Guerra Mundial, a Legião Judaica se dissolveu. Seus membros tiveram os mais variados destinos. Grande parte, por exemplo, continuou na então Palestina, buscando atingir suas aspirações pessoais. Dentre eles, podemos destacar Ze'ev Jabotinsky e David Ben-Gurion. Todavia, os anos subsequentes ao fim da guerra foram bastante conturbados. O acordo de Sykes-Picot, que dividia o Oriente Médio entre áreas de domínio britânico e francês, a Declaração Balfour (de 1917) e a promessa inglesa de um Estado Árabe na região chacoalharam a geopolítica local no início dos anos 1920. Foi nessa época, por exemplo, que a batalha de Tel Chai tomou forma, com um fim trágico para oito judeus, entre eles Yossef Trumpeldor. Diante da crescente ameaça árabe, principalmente no norte com a tentativa de estabelecer o Grande Estado da Síria sob a coroa Hashemita, Jabotinsky percebeu que era a hora de criar um órgão eficaz, capaz de defender o Yishuv - a comunidade judaica na Palestina pré-1948. Assim, a Haganá, que em hebraico significa defesa, foi criada em 1920. Na década subsequente, os motins árabes se tornaram mais corriqueiros, forçando uma crescente profissionalização e complexificação do modus operandi do grupo paramilitar. Em particular, o ano de 1929 foi um marco desse processo. Após a Revolta Buraq, também conhecida como "Os massacres de 1929", a Haganá se viu em uma encruzilhada: o Yishuv estaria por vias de extinção

caso o grupo não decidisse se armar e se capacitar. A segunda opção era preferível e foi a escolhida. No entanto, as revoltas e os tumultos na região tiveram uma trajetória de escala na virada da década de 1930. Ainda assim, a política adotada pela Haganá era a de Havlagá - moderação. Dessa forma, como sugere o nome do grupo, suas ações só se dariam em forma de retaliação contra algum atentado árabe. A estratégia era não realizar ataques preventivos, porém cada vez mais judeus perdiam suas vidas e seus bens em saques, incêndios e verdadeiros massacres promovidos pelos árabes. Diante disso, alguns membros da Haganah optaram por criar um novo grupo paramilitar, o Irgun Zvai Lehumí - Organização Militar Nacional -, que ficou conhecida também pelo seu acrônimo - Etzel. Novamente, o responsável pela criação do grupo foi Ze'ev Jabotinsky, reforçando seu nome no panteão de grandes homens sem os quais Israel provavelmente não existiria, ou existiria de uma maneira totalmente diferente da que conhecemos hoje.

3 O Irgun

O HaIrgun HaTzvai HaLeumi, grupo paramilitar também conhecido pelo acrônimo Etzel ou pela simplificação Irgun, representa o braço militar do sionismo revisionista fundado por Ze'ev Jabotinsky. A maior parte dos membros do Irgun advieram do Betar e do Partido Revisionista, tanto na então Palestina quanto na diáspora. Inspirados pelos ideais de Jabotinsky, a máxima da organização consistia na frase Rak Kach, em português "Somente Assim", estabelecendo como norte de seus ideais o único objetivo de criar um Estado Judeu em Eretz Israel, de maioria judaica, em ambas as margens do Rio Jordão (Shtei Guedot LaYarden). Nos primeiros anos de existência, a organização foi conhecida como HaHaganah Leumit (A Defesa Nacional), além de como Haganah Bet (Segunda Defesa) e Irgun Bet (Segundo Irgun). Mais tarde, ainda, recebeu o apelido de HaMa'amad (O Stand). O hino adotado foi o Hayalim Almonim (Soldados Anônimos), escrito por Avraham Stern quando era comandante do Etzel. Uma vez que o mesmo fundou o Lechi, instituição dissidente do Irgun, e levou consigo o hino, a canção oficial do Irgun passou a ser a terceira estrofe do Shir Betar, poesia escrita por Jabotinsky. Ao longo dos anos, o número de membros do Irgun variou de centenas a milhares, tendo sido os responsáveis pelas operações majoritariamente em oposição ao Mandato Britânico na Palestina, porém atuantes, também, em células externas. Apesar de não ser reconhecido por outras instituições judaicas durante grande parte de sua existência, apontando os problemas da liderança política oficial do Yishuv e da Organização Sionista Mundial, o Etzel buscava constantemente enfatizar sua importância para a consolidação de Medinat Israel. Assim, juntamente ao seu serviço paramilitar, o Irgun investiu no âmbito da propaganda ideológica, criou um jornal underground e até mesmo comandou subterraneamente a primeira estação de rádio independente em Hebraico, Kol Tzion HaLochemet.

3.1 Estrutura Interna

Paulatinamente, de suas simplórias raízes, o Irgun ampliou sua estrutura interna de forma a se tornar uma organização paramilitar sólida e bem organizada. Sob esse prisma, a instituição estabeleceu hierarquias sofisticadas, além de passar a requerer de seus membros treinamento militar de qualidade e disciplina inabalável - segundo análise britânica, "tão rígida quanto a de qualquer exército do mundo". Nesse sentido, ainda, o Irgun publicou obras profissionais referentes à doutrina de combate, armamento, liderança e treinamento, dentro das quais encontravam-se três livros de David Raziel: "The Pistol" (escrito em colaboração com Avraham Stern), "A Teoria do Treinamento" e "Campo de Desfile e Treino de Campo". Quanto às instalações, foram construídas casas seguras, campos de treinamento e estabelecimentos secretos de produção de propaganda. Ademais, para adquirir armamentos, o Irgun providenciou redes clandestinas de esconderijo de munição e construiu a oficinas de produção de armas. Na liderança do Irgun, encontrava-se o Alto Comando, responsável por definir a política e dar ordens. O chefe do Alto Comando era o comandante geral da organização, porém a designação da função variava. Menachem Begin e todo o Alto Comando durante a revolta contra os britânicos, por exemplo, receberam o título de Gundar Rishon. Posteriormente, Yaakov Meridor recebeu a patente de Comandante Militar (Seren). David Raziel, por sua vez, foi condecorado Alto Comandante (Aluf). Já Jabotinsky, até sua morte, foi conhecido como "Comandante Militar do Etzel" e "Comandante Supremo" (HaMatzbi HaElyon).

Logo abaixo, um estado-maior supervisionava as atividades da instituição, tendo sido dividido em militar e de apoio: o estado-maior militar consistia de unidades operacionais as quais supervisionavam as missões, enquanto o estado-maior de apoio era incumbido do planejamento, do manejo, do armazenamento e da fabricação de armas, juntamente da organização dos primeiros-socorros. Os dois grupos nunca se encontraram e se comunicavam apenas através do Alto Comando.

Em seguida na ordem hierárquica, havia seis comandos distritais: Jerusalém, Tel Aviv, Haifa-Galiléia, Southern, Sharon e Shomron, cada um guiado por um comandante distrital. Uma unidade distrital local do Irgun foi chamada de "Filial". Uma "brigada" no Irgun, por sua vez, era formada por três seções, cada uma composta por dois grupos, à frente dos quais estavam os "chefes de grupo" e os deputados. Gradualmente, várias unidades foram criadas e respondiam a um "centro" o a um "equipe". Durante o comando de Begin, o Irgun foi dividido em quatro corpos: o Hayil Kravi (Combat Corps) era responsável pelas operações de combate; o Delek (Gasolina) consistia na seção de inteligência, responsável pela coleta e tradução de informações e pela manutenção do contato com jornalistas locais e estrangeiros; o HAT (Divisão de Planejamento) guiava as atividades de planejamento; o HATAM (Revolutionary Publicity Corps), por fim, imprimia e divulgava propaganda. No que diz respeito ao recrutamento e ao treinamento militar, o Irgun seguia um sofisticado padrão. Quem aspirasse aderir ao movimento deveria fazer contato direto com um membro, o que

implicava que apenas aqueles que conheciam pessoalmente algum ou eram persistentes o suficiente poderiam vir a fazer parte. Adiante, uma reunião seria marcada com o comitê de seleção em um esconderijo, onde haveria uma entrevista em uma sala escura a qual enquadrava perguntas pessoais e questionamentos que visavam eliminar os românticos, os aventureiros e as pessoas que não haviam considerado o amplo sacrifício individual. Os selecionados adentravam uma série de seminários de quatro meses em grupos de cinco a dez, a fim de aprender a fundo sobre a ideologia do Irgun e o código de conduta esperado, eliminando os impacientes e os com falta de propósito. Os membros então eram apresentados a seus colegas e ensinados a localizar as casas seguras, recebendo também extensa e rigorosa capacitação militar, durante a qual alguns acabavam desistindo. Ainda, muitos integrantes do Irgun eram veteranos da Haganah (incluindo o Palmach), das Forças Armadas Britânicas e dos grupos de guerrilha judaica na Europa ocupada pelos nazistas, trazendo, por conseguinte, táticas militares, treinamento e experiência de suma importância para a instituição. Finalmente, o Etzel também possuía um curso para agentes de inteligência, direcionado à espionagem, à criptografia e às técnicas de análise. Dentre os membros do Irgun, a maioria era de meio-período e capaz de manter suas vidas e empregos civis. Era até mesmo esperado que eles dividissem seu tempo entre seu cotidiano mundano e suas atividades clandestinas. Não mais que 40 membros dedicavam tempo integral ao Etzel, e esses recebiam uma pequena bolsa para se manter. Ao ingressar, todos recebiam um nome "underground" e eram divididos em células. Permaneciam alienados da identidade dos constituintes das outras células, o que garantia que um membro feito de prisioneiro não pudesse trair muitos de seus iguais. Para além da então Palestina, células subterrâneas do Irgun foram estabelecidas na Europa após a Shoá, além de em Xangai, cidade que abrigava vários judeus europeus refugiados da guerra. O Etzel abriu, também, uma conta bancária na Suíça. Eli Tavin, ex-chefe da inteligência do Irgun, foi designado comandante do Irgun no exterior. Com a Partilha da Palestina em 1947 e a tão esperada independência do Estado Judaico, o Irgun deixou a clandestinidade e passou a funcionar mais em formato de exército permanente. Começou a recrutar extensivamente e levantar fundos abertamente, estabelecendo bases, instalações de treinamento, comunicações de campo, uma unidade médica e serviços de abastecimento, contribuindo, assim, para as origens do que hoje conhecemos como o exército de defesa de Israel.

3.2 Propaganda

No Irgun, havia duas divisões principais: o Chail HaKrav (Corpo de Combate) e o Chail HaTaamulá HaMaapchani (Corpo de Propaganda Revolucionário). No corpo de propaganda, o papel feminino se fez imensamente presente. Muitas mulheres se voluntariaram para cargos como a divulgação de pôsteres do Etzel pela cidade - um trabalho de alta exposição frente aos britânicos e, conseqüentemente, de alto risco, durante o qual, em diferentes anos, personalidades como Miriam Stutzki e Amália Schiff foram encarceradas. Quanto ao envio de material de propaganda, cartas foram dirigidas a figuras públicas judaicas

e funcionários do governo britânico. Rachel Brandoine-Lapidot, por exemplo, dominava o idioma inglês e foi designada para ser o contato com jornalistas estrangeiros que buscavam informações provenientes da organização. A rádio clandestina Kol Tzion HaLochemet teve sua primeira edição no ano de 1939 e sua primeira locutora foi Esther Raziél-Naor - a qual, ao longo de seu curso no Irgun, chegou a fazer parte da Mifkadá (Quartel General) da organização. Em 1941, o ponto de transmissão em sua casa foi descoberto e a mesma foi enviada à prisão de Belém. Durante esse tempo, construíram-se novas transmissões e as audiências, que antes eram realizadas duas vezes por semana, aumentaram em frequência. As medidas de segurança também aumentaram, e a polícia não foi capaz de interferir novamente. Entre as mulheres que lideraram a partir da estação de transmissão do Irgun, encontravam-se Sarah Yachin, Shulamit Katznelson, Debora Lipshitz etc.

4 Principais operações

Durante os quase dezoito anos de funcionamento do Irgun como grupo paramilitar ativo no Yishuv, diversas operações foram empreendidas na busca de um único objetivo: a libertação da terra de Israel, com o posterior estabelecimento do Estado Judeu. Entretanto, dentre as diversas ações, algumas nos saltam aos olhos, não só pela sua importância na busca pelo objetivo supracitado, mas também pelo heroísmo daqueles que tiveram seu sangue derramado para que nós, seus descendentes, pudéssemos usufruir de um país judaico livre, democrático e desenvolvido econômica, militar, política e socialmente. É nesse sentido, portanto, que trazemos por meio dessa choveret algumas das operações mais famosas e controversas da história desse grupo paramilitar que tanto influenciou o renascimento da pátria judaica.

Af Al Pi A atuação do Etzel, apesar de fundamental para o estabelecimento dos alicerces do Estado de Israel, só começou a agir enfaticamente no final da década de 1930. Em 1937, um de seus primeiros passos para a consolidação da nação foi dado. A união ao Betar e ao HaTzohar foi preponderante para a criação das operações de Af Al Pi, que passaram a trazer, progressivamente, mais judeus para dentro das fronteiras do Yishuv. Entre 1937 e 1938, quatro navios com refugiados saíram dos portos da Grécia e da Albânia com destino às praias da antiga Palestina. Inclusive, a segunda delas foi a responsável por trazer os 54 olim chadashim do Betar. Ao final das operações, 536 judeus conseguiram escapar das garras nazistas por meio dessas operações.

Vale ressaltar que, embora a Segunda Guerra Mundial não houvesse sido declarada ainda, o que só veio a ocorrer com a invasão germânica ao Reino da Polônia, durante a investida de Guerra Relâmpago, os nazistas já dominavam o cenário político alemão, sendo o único partido existente no país desde 1933, após a dissolução de todos os outros, reforçando as restrições aos judeus com a promulgação das Leis de Nuremberg no mesmo ano.

Dessa forma, é evidente que a mobilização do Etzel foi imperativa no processo de imigração judaica nos anos em que fugir da Alemanha Nazista em direção

a Eretz Israel era a única forma de manter a chama da vida judaica acesa. Nesse sentido, a Aliá Bet - ou Haapala (Ascensão) -, nome o qual se deu a essa operação de resgate, foi responsável direta pela salvação de milhares de judeus entre o final da década de 1930 e o início da década de 1940.

No entanto, a atuação no resgate dos judeus da Europa Nazista foi dificultada com a publicação do Livro Branco, em 1939. Através desse documento, as autoridades britânicas buscavam limitar a imigração judaica para a Palestina, em busca de arrefecer as revoltas árabes na região, que clamavam por um Estado independente, conforme prometido pelos próprios britânicos em 1914, e, ainda, manter uma certa estabilidade dentro dos domínios britânicos. O

Esse empecilho, contudo, não foi capaz de frear a ambição do grupo paramilitar, que, contando com ajuda de outros movimentos juvenis, dos partizanim judeus e das brigadas judaicas que faziam parte do exército britânico, conseguiu burlar as regras de imigração, possibilitando o desembarque de mais de setenta mil judeus, distribuídos em cerca de cem navios.

Apesar desse grande número de imigrantes, vários dos refugiados foram interceptados pela Royal Navy, a marinha britânica, e foram encaminhados para campos de refugiados em Chipre. Estima-se que cerca de cinquenta mil judeus passaram por esses campos.

4.0.1 Irgun na Shoá

Enquanto em território inglês os membros do Irgun organizavam fugas e buscavam rotas marítimas para que os refugiados da Europa Nazista pudessem entrar nas fronteiras da Palestina, em solo polaco lutavam por suas vidas e pela perpetuação da memória judaica. Em especial, um jovem polonês integrante do Etzel transformou a vida de milhares de judeus dentro e fora dos muros do Gueto de Varsóvia. Nascido em 1920, esse jovem betarí participou da União Militar Judaica (ZZW), sendo o responsável pelo recrutamento e treinamento militar dos soldados da organização, não raro, membros ou ex-membros do Irgun. Apesar de sua imagem ser desconhecida, o nome de Pawel Frenkel ecoa na memória judaica desde o fatídico dia 19 de abril de 1943, quando, às vésperas de Pessach, os bravos guerreiros da ZZW hastearam suas bandeiras azul e branca nos telhados do gueto durante o levante.

Frenkel era membro do Irgun e contribuiu para o estabelecimento das redes secretas da ZZW, na tentativa de armar uma resistência capaz de, ao menos, retardar ou salvar a maior parte dos habitantes do gueto de Varsóvia durante o presente de aniversário dado ao führer em 1943 - o esmagamento da habitação.

Tornando nossa atenção à situação na Palestina, nos deparamos com o prosseguimento da jornada do grupo paramilitar. Ainda durante a Segunda Guerra Mundial, o inconcebível Livro Branco continuou apertando o cerco contra a imigração judaica. Houve casos em que navios de fugitivos da Europa ocupada chegavam aos portos de Haifa e Tel Aviv, mas eram não só impedidos de entrar em sua terra ancestral, como também mandados de volta para o inescapável destino da máquina mortífera nazista.

A par disso, o Irgun localizou seus alvos principais: os soldados britânicos

responsáveis pelos bloqueios contra os olim chadashim. A ultrajante atuação desses oficiais destilou um sentimento de revolta e de remorso entre os membros do grupo, que começaram a tramar seus ataques retaliatórios.

A primeira operação, nesse sentido, foi realizada em fevereiro de 1944. O treinamento militar rigoroso do grupo trouxe resultados imediatos. Os ataques realizados contra os britânicos, em Haifa e em Jerusalém simultaneamente, foram cirúrgicos e não tiveram grande alarde, portanto não gerando nenhum efeito indesejado.

Nas semanas subsequentes, o foco em soldados britânicos se manteve, mas a ocupação dos alvos se alterou levemente. Agora, os oficiais tributaristas estavam na mira do grupo underground. Isso porque os impostos cobrados da comunidade no Yishuv eram abusivos e disruptivos. Foi dessa maneira, com ataques localizados a alvos pré-selecionados, que o Irgun manteve suas atividades no início dos anos 1940. Vale ressaltar, também, que esse modus operandi se seguiu principalmente pelo motivo que levou à cisão do Etzel que originou o Lechi: a recusa em lutar declaradamente contra os britânicos enquanto estes combatiam as tropas nazistas na Europa.

4.0.2 King David

Após o término da Segunda Guerra, no entanto, a luta do Irgun se tornou ainda mais incisiva, não só contra os britânicos, mas também contra os árabes. O grande marco da história do grupo paramilitar, e provavelmente um dos mais controversos, foi o primeiro ataque que tomou forma, em 22 de Julho de 1946, no Hotel King David.

O hotel, localizado em Jerusalém, era uma espécie de central das autoridades britânicas, servindo como logradouro de diversos documentos sobre os membros dos grupos paramilitares Irgun e Lechi, bem como de suas operações. Ademais, o ataque era uma forma de retaliação ao Sábado Negro, empreendido pelos britânicos contra a Agência Judaica, no qual confiscou-se uma quantidade considerável de informações sobre combatentes judeus, além de prender mais de 2700 pessoas que participavam de grupos paramilitares.

O propósito da operação é claro e deve ser enfatizado como forma de desmistificar os possíveis mal entendidos. O objetivo dos membros do Irgun com o atentado ao hotel concernia basicamente na destruição desses documentos que poria em risco a atuação do grupo. Não custa recordar também que as represálias inglesas não eram brandas, ou melhor, estavam longe disso. As operações Bola de Neve - que virão a ser dissecadas no decorrer dessa choveret - , por exemplo, mostram a forte violência por parte dos britânicos. Assim, um ataque, seja com o intuito de salvaguardar as identidades dos soldados, até então anônimos, seja com o foco em responder aos atentados dos estrangeiros que dominavam a terra, não pode ser mal interpretado e colocado em categorias que o classifiquem como terrorista. Afinal, o terrorismo é, por definição o "emprego sistemático da violência para fins políticos, especialmente a prática de atentados e destruições por grupos cujo objetivo é a desorganização da sociedade existente e a tomada do poder", segundo o dicionário Oxford Languages. Além disso, aqueles que

buscam executar a missão do Irgun costumam esquecer de que o plano foi pré aprovado pela Haganah, mas que, além de recuar momentos antes de sua execução sem avisar ao Etzel, traçou o plano sem o consentimento do grupo, que teve de ser convencido a participar.

Dado esse panorama inicial, passando a discutir a operação em si, os membros do Irgun disfarçaram-se de funcionários árabes do hotel e contrabandearam caixas de leite com explosivos para dentro de King David. Infiltrados, conseguiram plantar as bombas nas colunas principais da área onde se encontrava o Secretariado do Mandato Britânico, acoplado a alguns escritórios, onde os documentos estavam guardados.

Ainda antes de detonar os explosivos, os membros do Irgun avisaram aos presentes sobre a operação, na tentativa de impedir que houvesse qualquer fatalidade. Os prédios vizinhos também foram alertados para que não ocorresse nenhum tipo de efeito spillover. É documentado que, cerca de quinze minutos antes, uma recruta do Irgun avisou, por meio de ligação, à responsável pela telefonia do hotel, devendo esta repassar a informação. Cinco minutos mais tarde, telefonou para o Consulado da França que avizinhava o hotel de luxo, dando instruções para a redução do impacto da explosão. Mais seis minutos se passaram e, dessa vez, o alertado foi o jornal Palestine Post, que contactou a polícia e que, por sua vez, acionou a responsável pela telefonia do hotel. Contudo, as caixas de leite já haviam sido plantadas e a evacuação conforme o esperado não poderia mais se concretizar.

Momentos antes da explosão, os combatentes explodiram uma bomba de menor impacto em uma área próxima ao hotel, tentando manter os transeuntes o mais afastado possível.

Desse modo, corroboraram sua intenção de salvar suas vidas e suas missões, além de evitar castigos possibilitados pelo desmascarar de suas identidades. Às 12:37 desse fatídico dia, os explosivos foram detonados, derrubando a metade oeste da ala sul do hotel. A missão foi cumprida, mas as externalidades foram mais que indesejáveis. A não evacuação dos hóspedes e oficiais presentes deixou 91 mortos e 46 feridos, incluindo não só britânicos, mas também judeus e árabes.

Menachem Begin define o dia 22 de Julho de 1946 como o dia mais triste da sua vida. É um fardo que teve que carregar durante toda a sua longa jornada, uma vez que era o comandante do Irgun. Defende também que os britânicos omitiram a informação da explosão buscando criar uma forte oposição aos grupos paramilitares, desestabilizando suas redes de cooperação.

Realmente, os efeitos deste ataque foram deletérios. Não só conseguiu gerar uma aversão ao grupo paramilitar por parte das forças internacionais, como também gerou uma certa cisão dentro do Yishuv. Ben Gurion inclusive declarou publicamente que o Irgun era o inimigo do povo judeu, reforçando o estereótipo negativo associado ao grupo.

4.0.3 Fuga da prisão de Akko

Pouco menos de um ano depois, o Etzel, juntamente com o Lechi arquitetaram a fuga da Prisão de Akko. A cidade, que desde o domínio otomano fora fortificada

e transformada em uma das cidades chave no acesso a Eretz Israel, passou a concentrar os combatentes dos grupos paramilitares, encarcerados nos muros de sua prisão. As ideias de fuga sempre fizeram parte do ideário dos prisioneiros, mas permaneciam um tanto quanto intangíveis. O jogo mudou quando um árabe, preso, ouviu a voz de uma mulher do lado de fora, comunicando a Eitan Livni, um dos prisioneiros do Irgun mais experientes, sobre a possível fragilidade da construção. Afinal, se era possível escutar o lado de fora não deveria ser tão difícil derrubar a parede. A possibilidade de realizar um plano de escape dos prisioneiros foi confirmada por Amichai Paglin que, disfarçado de árabe, infiltrou-se na prisão e constatou que, de fato, era um plano plausível.

Assim, a operação iniciou-se, mas dependia da perspicácia dos prisioneiros em atingir a parede mais frágil, onde o árabe escutou a voz da moça, localizada na parte sul da prisão. Nesse sentido, seus parentes, que lhes faziam visitas corriqueiras, começaram a contrabandear explosivos e detonadores dentro de doces ou outros presentes que eram permitidos.

À época, mais de 160 judeus estavam presos em Akko, além de cerca de 400 árabes. Desses judeus, 60 faziam parte do Irgun, 22 do Lechi e 5 da Haganá. O plano tinha como objetivo resgatar 30 membros do Irgun e 11 do Lechi, visto que não havia lugar para esconder mais pessoas.

A missão foi executada no dia 4 de Maio de 1947. Os combatentes responsáveis por resgatar os prisioneiros entraram nas prisões vestidos como ingleses a mando do rei Jorge VI. Os soldados se encaminharam para as portas da prisão em carros e caminhões militares. O comandante, Dov Cohen, vinha sentado ao lado do motorista, como um condecorado militar britânico.

Ao desembarcarem na prisão, levaram consigo escadas, dizendo que iriam consertar a linha telefônica e, assim, escalaram até o telhado adjacente ao muro da fortaleza. Dov Salomon, encarregado dessa unidade de combate, prendeu explosivos nas janelas da prisão. Simultaneamente, outros dois grupos da força tarefa espalhavam minas no caminho das tropas ao local onde a fuga seria realizada, impedindo a represália imediata. Um grupo era comandado por Avshalom Haviv, enquanto o outro era composto por apenas dois homens: Michaeli e Ostrowicz.

Outra parte dos combatentes, disfarçados como árabes, se posicionaram em um terreno próximo para que, quando a operação se iniciasse, disparassem um morteiro contra o acampamento militar que sitiava o local.

Às três horas da tarde, os prisioneiros foram liberados para o exercício diário numa espécie de banho de sol. Os que não seriam salvos foram ao pátio criar distrações. Os fugitivos permaneceram em suas celas e foram divididos em três grupos. Exatamente às quatro horas e vinte e dois minutos, a parede sul foi explodida, deixando um rombo por onde os prisioneiros poderiam escapar.

Cada grupo conseguiu escapar de uma forma. A primeira grande explosão na parede sul gerou muito tumulto por parte dos árabes que, não sabendo do que acontecia, saíram de suas celas em desespero, bloqueando o caminho.

O primeiro grupo teve que se esgueirar na multidão, fugindo pelo grande buraco. Ademais, anexaram cargas explosivas às fechaduras que impediam o portão do corredor, correndo portanto para a liberdade. O segundo grupo,

ao escapar, fez uma espécie de corredor de chamas, impedindo que os guardas atingissem o local da fuga. O fogo bloqueou a rota de fuga e assim escaparam. O terceiro jogou granadas nos guardas que sitiavam a fortaleza pelos telhados. Em meio a todo o caos, os 41 prisioneiros conseguiram escapar.

O primeiro grupo escapou em uma van que errou o seu caminho. Ao invés de se dirigir ao Monte Napoleão, foi à Haifa, onde um grupo de soldados britânicos abriu fogo contra eles. Esse grupo, ao qual pertencia Dov Cohen, tinha treze soldados. Cinco foram mortos, inclusive Cohen. Os outros oito foram recapturados. O grupo de bloqueio, do qual faziam parte Avshalom Haviv, Meir Nakar e Yaakov Weiss, não conseguiu escapar após não ouvir o sinal de que os prisioneiros já haviam sido liberados. Juntos a Ostrowicz e Michaeli, abriram fogo contra os britânicos e acabaram presos. Já o segundo grupo teve sua fuga bem sucedida. Conseguiram se refugiar em Nahalat Jabotinsky e depois foram aos locais secretos pré estabelecidos. No final, apenas 27 prisioneiros conseguiram efetivamente escapar. O resto foi morto ou recapturado.

Segundo os jornais internacionais da época, a fuga da prisão de Akko foi a maior e mais bem elaborada operação de escape. Foi classificada como uma obra prima de estratégia.

Contudo, algumas semanas depois do sucesso parcial da operação, os cinco membros do Irgun recapturados foram colocados em julgamento. Avshalom Haviv, Meir Nakar e Yaakov Weiss questionaram a autoridade da corte, claramente tendenciosa, e foram sentenciados à morte por enforcamento, engrossando a lista dos Olei Hagardom - aqueles que subiram à forca. Já Michaeli e Ostrowicz conseguiram a pena de prisão perpétua, depois de uma série de evidências fornecidas pelo Irgun de que eles não eram os principais culpados.

4.0.4 Deir Yassin

Poucos meses depois da grande fuga da Prisão de Akko, nos EUA, a resolução 181 foi aceita pela ONU. A partir de então, a Palestina seria dividida entre judeus e árabes após a retirada das tropas britânicas, a ser concretizada no ano seguinte. Era previsível, no entanto, que houvesse descontentamento árabe. Ansiando pela soberania do local para estabelecer um Estado Árabe, no dia seguinte à resolução, os árabes já empreenderam atentados que levaram a vida de sete judeus. Dentre eles, quatro eram passageiros em um ônibus que ia em direção a Jerusalém.

As hostilidades foram crescendo ao longo dos meses que sucederam a Partilha da Palestina. Entre dezembro de 1947 e abril de 1948, mais de 850 judeus foram mortos em operações e atentados árabes. Dentre elas, se destaca o carro bomba, explodido na Rua Hasolel, próximo ao prédio do antigo jornal Palestina Post.

A situação chegou a seu ápice em março de 1948, quando os árabes controlavam todas as rotas interurbanas, bloqueando os acessos à Jerusalém, à Galiléia e ao Negev. Os que ousavam tentar atravessar essas estradas, não raro eram vítimas de ataques empreendidos por comboios árabes.

Diante da difícil situação, a operação Nachshon - nomeada em homenagem ao primeiro homem que, sem hesitar, cruzou o Mar Vermelho após

a ordem de HaShem - foi arquitetada com objetivo de liberar a estrada que dava acesso a Jerusalém. Uma aldeia em específico veio a ficar marcada nessa operação - Deir Yassin. O vilarejo árabe deveria ser ocupado como parte fundamental da missão. A importância dessa ocupação foi catalisada pela ofensiva árabe que, almejando repelir as forças judaicas, reforçou-se utilizando a aldeia como trajetória para inundar o campo de batalha com suas tropas.

Nesse ponto, é preponderante destacarmos que, embora a operação tenha sido, a priori, pensada pelo Irgun e pelo Lechi, David Shaltiel - comandante da Haganah - pediu para que a operação fosse coordenada com uma outra missão de seu grupo em uma aldeia próxima. Ademais, deu seu aval para que a empreitada fosse posta em prática.

Contudo, poucos dias antes da operação Nachshon ser lançada, os árabes de Deir Yassin começaram a disparar contra as bases judaicas, localizadas em Beit Hakerem e Yefe Nof. Ainda, conhecendo o perigo iminente da missão judaica, os aldeões começaram a se fortificar. Reuniram tropas estrangeiras, como soldados iraquianos, construíram fortificações e armazenavam armas e munição pesada, além de cavar trincheiras próximas à entrada da cidade, armando os soldados de defesa com rifles. Assim, o banho de sangue tornava-se evidente, mesmo com as recomendações da Haganah de não tornar Deir Yassin em uma terra arrasada. Afinal, caso assim fosse feito, a vila teria pouca serventia.

No dia 8 de abril de 1947, 70 membros do Irgun se reuniram na base de Etz Chaim, na entrada de Jerusalém. O fatídico dia ficou marcado na história da resistência judaica no Yishuv, já que, pela primeira vez, esses membros puderam se reunir abertamente, sem o medo da represália inglesa. Lamut o Lichbosh et Haar - morrer ou conquistar a montanha foi, de fato, incorporado pelos 70 bravos heróis.

O clima era bastante otimista - depois de sofrer com vários ataques árabes, a retaliação era muito próxima. Além disso, a chamada "fighting solidarity", ou em hebraico, Achdut Lohemet, tornou-se a senha para o ataque, simbolizando a união de dois grupos paramilitares, em prol de um único objetivo. O propósito era não só militar - visando livrar a parte oeste de Jerusalém do perigo de Deir Yassin -, mas também político - uma vitória na batalha poderia levantar o moral da população judaica, além de trazer uma certa sensação de segurança e estabilidade. Isso também representava que os judeus não desistiriam de Jerusalém e que as batalhas, por conta disso, estariam por vias de terminar - ou de que pelo menos, o Estado Judeu estava próximo de se concretizar.

Logo antes do ataque, Ranaan, comandante do Irgun, fez questão de reforçar o ponto de que qualquer tipo de violência desnecessária para o único propósito da operação - conquistar, e não punir - deveria ser estritamente evitada. Ainda, ele reiterou que idosos, crianças e mulheres não deveriam ser feridos e que era necessário empreender esforços para que isso não acontecesse. Qualquer árabe que se rendesse deveria ser tomado como prisioneiro e não seria machucado de nenhuma forma.

Para prevenir qualquer morte desnecessária, antes das tropas de choque, um carro armado e com um alto-falante avisando que os combatentes estavam sitiando a vila, dando as opções de se render ou aceitar ser movido para uma

aldeia próxima, em segurança. Esse fato deve ser ressaltado, à medida que não é incomum que tentem atribuir o status de terroristas ou de assassinos impiedosos aos membros do Irgun e do Lechi.

Às 2 horas da manhã, as tropas do Irgun, comandados por Ben-Zion Cohen, foram em direção à Bet Hakerem. A unidade do Lechi, por sua vez, se reuniu em Givat Shaul. Ambas as equipes se dirigiram ao local de combate. Cerca das 4:45 da manhã, os guardas de Deir Yassin começaram a reconhecer alguns movimentos suspeitos e gritaram "Mahmoud". Um dos combatentes confundiu o grito com a palavra "Achdut" e respondeu "Lohemet". Com isso, os árabes abriram fogo de todas as partes.

Iniciado o combate, o carro armado do Irgun adentrou o vilarejo e, ao encontro da resistência árabe, foi forçado a parar. Ligou-se alto-falante e a mensagem foi lida. As casas adjacentes começaram a atirar fogo em direção ao carro, e os combatentes dentro dele tiveram que ser resgatados. Com graves ferimentos, uma unidade de primeiros-socorros saiu de Givat Shaul em direção ao acidente.

As outras unidades começaram seu ataque, mas a forte resistência árabe havia tornado toda casa da região uma fortificação armada. De casa em casa, a luta intensa feriu uma série de atacantes dos grupos paramilitares, principalmente comandantes à frente de suas unidades. Após a ocupação do centro da aldeia, todos os feridos foram concentrados em um dos pátios e procurava-se caminhos para a evacuação dos mesmos. Contudo, a estrada para Givat Shaul não era uma opção, devido ao tiroteio advindo da casa do mukhtar (líder local), a qual, no topo de uma montanha, possuía uma ampla visão da área.

Dado que a batalha se deu em uma área com construções, o ritmo foi lento e ambos os lados sofreram grandes perdas. De forma a silenciar a fonte do tiroteio, os combatentes foram forçados a usar granadas, e em alguns casos até explodir casas. Houve ataques de todos os lados e metade dos atacantes foram postos em ação. Ainda, os combatentes restantes sofreram por falta de munição.

Um relatório sobre o curso da batalha foi transmitido ao quartel de Givat Shaul, e quando foram contabilizadas as casualidades e as munições restantes, membros do Lechi se dirigiram ao campo de Schneller e pediram para que uma unidade do Palmach fosse ao encontro dos atacantes feridos, os quais, por sua vez, partiram em um carro armado, equipados com uma metralhadora e um morteiro de duas polegadas. Ao chegar, atiraram para a casa do mukhtar, ocuparam-na e, assim, o cessar-fogo foi sucedido pela ocupação efetiva de Deir Yassin.

Com o fim da batalha, descobriu-se que centenas de moradores da aldeia se retiraram para Ein Karem, tomando vantagem da abertura da estrada. Aqueles que restaram na região se renderam e tornaram-se prisioneiros, em sua maioria mulheres e crianças que, em caminhões direcionados a Jerusalém Oriental, foram entregues aos seus irmãos árabes. O ocorrido em Deir Yassin foi divulgado por Jerusalém Ocidental, na qual os cidadãos judeus viram com bons olhos a vitória - aliviados de poderem viver em paz e de, finalmente, terem tomado a iniciativa. A conquista da aldeia marcou o fim da Operação Nachshon e instalou esperança nos corações dos moradores da cidade. O slogan "Achdut Lochemet" representou o ponto de inflexão na luta contra a agressão árabe e, nos dias que

se seguiram, multidões foram à base de Etz Chaim expressar sua solidariedade aos membros do Irgun.

4.0.5 A conquista de Yafo

Em 1947, a cidade de Yafo era a maior cidade árabe de Israel, com cerca de 90 mil habitantes. No entanto, desde a Resolução 181 da ONU, as hostilidades com sua vizinha Tel Aviv vinha em escalada, até que, no dia 29 de Novembro de 1947, um grupo de árabes foi para a fronteira e começou a disparar, levando sérios danos à cidade judaica, que viu parte da população sendo forçada a deixar suas casas, além de todo o dispêndio militar das forças de defesa.

Às vésperas do fim do Mandato Britânico, em abril de 1948, a entrada do Egito na batalha contra o futuro recém nascido Estado Judeu era apenas questão de tempo. Pela Partilha da Palestina, acordada um ano antes, Yafo deveria ser parte do Estado árabe, devido também a predominância étnica na cidade. No entanto, a proximidade com Tel Aviv, unida à iminente entrada das tropas egípcias, acendeu um alerta nos grupos paramilitares. Nesse sentido, a Haganah desenvolveu um plano para a tomada da cidade, por meio de uma espécie de sitiamento da cidade. Partindo de outros vilarejos árabes ao sul de Yafo, a ideia concernia em tomá-las até que Yafo se rendesse. Contudo, o Irgun enxergava uma certa inviabilidade e, portanto, decidiu por conquistar a cidade antes da saída dos ingleses.

No dia 24 de abril de 1948, 600 combatentes do Irgun se reuniram em Ramat Gan. Ali, antes de se iniciar o conflito, Menachem Begin, à época comandante do Irgun, discursou perante as tropas do Irgun:

Soldados do Irgun! Vamos conquistar Yafo. Estamos partindo para uma das batalhas decisivas na luta pela independência de Israel. Saiba quem está diante de você, lembre-se de quem você deixou para trás. Você enfrenta um inimigo cruel, que deseja nos destruir. Atrás de você estão nossos pais, nossos irmãos, nossos filhos. Ataque o inimigo! Mire bem! Poupe munição! Nesta batalha, não mostre misericórdia para com o inimigo, pois ele não tem misericórdia por nosso povo. Poupe mulheres e crianças. Poupe a vida de quem levanta as mãos em sinal de rendição. Ele é seu cativo. Não o machuque ...

O responsável pela operação era Amichai Paglin (Gidi), um comandante do Irgun e que desenhou todo o plano de conquista. A operação entrou em ação na madrugada do dia 25 de abril, com fortes ataques de morteiros no centro e no porto de Yafo. Depois, duas brigadas se deslocaram para seus alvos: os trilhos e o mar e foram recebidos com fogo incessante dos árabes entrincheirados em edifícios em ruínas nessas áreas. Depois de fortes combates, as forças retornaram a suas bases. Acaba que a força inimiga fora subestimada e tinha poder de fogo maior que os judeus. Assim, convencidos que o embate frente a frente era inviável para a conquista da cidade, o plano deveria sofrer modificações.

A nova forma de combate encontrada foi de explodir posições estratégicas para que a infantaria ocupasse essas posições. No entanto, no dia seguinte, os árabes estavam reforçados com metralhadoras britânicas e, portanto, mesmo com a destruição de algumas bases, a tomada delas não foi possível.

Ao fim do segundo dia, o número de vítimas crescia exponencialmente. Para Menachem Begin, isso era resultado direto da intervenção britânica, com armamentos e tanques reforçando o lado árabe. Diante disso, Begin defendia interromper o ataque, recompondo as linhas e reorganizando-se. Já Gidi acreditava que os inimigos já estavam por vias de se render. As tropas eram a favor de continuar a luta e, então, Begin aceitou.

Assim, no dia seguinte, continuaram a batalha, mudando a tática mais uma vez. Ao invés de avançar pelos terrenos abertos, começaram a passar por dentro de casas e edifícios. Também explodiram grandes construções para checar o progresso dos britânicos, que, agora, haviam entrado no combate. De manhã, vários sacos de areia foram trazidos para criar barreiras, estabelecendo as bases para o avanço pelo terreno aberto. Na tarde do mesmo dia o conflito voltou a tomar conta das ruas da cidade.

O objetivo principal dessas investidas era dominar o bairro de Manshiyeh, através de avanços pequenos e contínuos até dominar os postos de polícia do local. Quando atingido, a resistência árabe colapsou. No entanto, os britânicos tentaram bloquear o ataque, em uma manobra inesperada. As tropas judaicas, apesar dessa intervenção, conseguiram atingir, às 7 da manhã do dia seguinte, a praia, dando fim à batalha por esse bairro tão importante.

Após a tomada de Manshiyeh, as tropas britânicas se declararam responsáveis pela defesa de Yafo. Com isso, ameaçaram o Irgun de que se continuassem com os conflitos pela tomada de Yafo, entrariam com tanques por terra e bombardeariam pelo mar e pelo ar. No dia seguinte, a ameaça tomou forma e, por conseguinte, os britânicos abriram fogo contra o bairro recém-conquistado. Essa foi a primeira vez que o Irgun e os britânicos se enfrentaram frontal e diretamente.

Apesar de clara diferença de força, munição e exército entre as duas tropas, os membros do grupo de resistência lutaram bravamente e conseguiram conter, de certa forma, um avanço incisivo inglês, explodindo casas e espalhando destroços pelas ruas, atrasando a ofensiva por terra, por meio de tanques.

Durante a batalha, o Irgun ameaçou o exército britânico de que, se o ataque seguisse, bombardeariam a colônia alemã em Yafo, como também o local onde os britânicos guardavam seus suprimentos. Além disso, anunciou que poderiam entrar nos acampamentos causando algumas mortes, bem na véspera deles voltarem para a Inglaterra.

Logo, o governador de Lod - próximo ao aeroporto Ben Gurion - declarou que não estava mais interessado na evacuação de todos os judeus da área, só queria que o Irgun desocupasse os postos de polícia, que a estrada de Hassan Bek fosse evacuada para que os veículos britânicos pudessem trafegar e que o Irgun entregasse as posições da Haganá.

Ao invés de atender as demandas dos ingleses, a organização mandou sabotadores para explodir o posto de controle policial. Várias casas também foram

explodidas, inviabilizando o tráfego nas ruas. Por outro lado, concordou em entregar algumas posições da Haganá.

No dia 12 de maio de 1948, um grupo de árabes de Yafo foi até o escritório da Haganá em Tel Aviv para se render. No dia seguinte, os britânicos saíram da cidade, abrindo caminho para os comboios da Haganá e do Irgun entrarem na cidade, ocupando e realmente estabelecendo a cidade como judaica.

Ao fim, a Conquista de Yafo, ainda que tenha sido fundamental para a prosperidade de Tel Aviv e, por conseguinte, de Eretz Israel, teve um custo humano elevado. 32 mortos e 77 feridos. Ademais, 9 membros do Irgun foram mortos na defesa de Tel Aviv

4.0.6 Altalena

Comprado por membros do Irgun na diáspora, o barco Altalena, consignado em homenagem ao pseudônimo de Ze'ev Jabotinsky, pretendia, originalmente, atingir Israel no dia 15 de maio de 1948, carregando consigo combatentes e equipamentos militares. Contudo, a compra de armas e a burocracia organizacional levaram mais tempo do que o esperado, adiando a operação por semanas. Concomitantemente ao processo, no dia 1 de junho, um acordo de absorção do Irgun à IDF foi assinado, afirmando que o grupo underground deveria cessar todas as suas atividades independentes. Nesse sentido, representantes do governo israelense foram informados sobre a existência e o cronograma de Altalena. As bases do Irgun em Paris fizeram o possível para manter as preparações e as informações da operação em segredo, por medo do navio ser sabotado em alto mar. No entanto, manter 940 combatentes e uma carga de armamento considerável em silêncio não era uma tarefa simples. Ao final, as tentativas de agir escondido foram infrutíferas: no dia 11 de Junho de 1948, a rádio Londres comunicou que o navio Altalena acabava de zarpar da França com destino a Israel. Quando os líderes do Irgun souberam que a operação tinha sido descoberta, temeram ser impedidos de entrar em Israel, uma vez que, segundo a trégua, que havia sido estabelecida anteriormente, estava proibido trazer combatentes e armas para o país. Devido a isso, Begin preferiu adiar a chegada do navio até que pudesse realizar algum tipo de acordo com o Governo Israelense. Contudo, a mensagem enviada a Shmuel Katz, que estava em Paris à cargo da operação, não chegou de maneira clara e, portanto, a ordem não foi executada. Assim, o navio saiu de Port du Bouc sem o conhecimento de Begin. No dia 15 de Junho, Begin teve uma reunião com representantes do governo de Israel. Depois disso, Ben Gurion escreve em seu diário que não vê como ameaça a chegada desses armamentos e, inclusive, recomenda que sejam desembarcados em uma praia desconhecida. Após ser informado sobre essa decisão, Begin instruiu a Zippora Levi-Kneissel, secretária de staff do Irgun, que ordenou que o Altalena se dirigisse o mais rápido possível para a praia de Kfar Vitkin, onde as forças da ONU teriam menos supervisão e tinham menos risco de impedir o descarregamento do navio. Apesar do acordo do local de desembarque, a alocação de carga ainda era discutida. Embora Ben Gurion tenha aceitado receber 20Ao mesmo tempo que o navio era descarregado em 20 de Junho, em Kfar Vitkin,

o governo se reunia em Tel Aviv, em um de seus encontros semanais. Nessa reunião, Ben Gurion estava determinado que Begin deveria entregar todas as armas. Em suas palavras, "Devemos decidir entre dar poder a Begin e ordenar que suspenda todas as suas atividades separadas. Se ele não o fizer, abrimos fogo. De outro modo, dispersamos nosso exército" Assim, a decisão foi de emitir um ultimato, por meio de Dan Even - o comandante da brigada de Alexandroni - onde Begin teria até dez minutos para responder se entregaria ou não todas as armas. Ultraçado, o comandante do Irgun não respondeu a intimação, levando a um breve conflito, com mortes na praia de Kfar Vitkin, o que fez com que Even e Meridor, representante de Begin, assinassem um cessar fogo, transferissem uma parte das armas para depósitos do IDF e que o Altalena voltasse ao mar para desembarcar, de vez, na praia de Tel Aviv. Para Begin, isso significaria uma trégua, o que lhe permitiria desembarcar as armas de maneira tranquila. No entanto, Ben Gurion reuniu forças na praia de Tel Aviv, à espera de Begin. O comandante designado para tal tarefa foi Yigael Yadin. Armas pesadas foram transferidas ao local para receber o Altalena. Às quatro da tarde, Ben Gurion ordenou o bombardeio do navio, que começou a arder em chamas. O risco era ainda maior devido a alta carga de explosivos que transportava. Begin ordenou que todos evacuassem a embarcação e hasteou a bandeira branca, dizendo que "Uma Guerra entre irmãos jamais". Contudo, Ben Gurion não suspendeu o fogo, atirando contra sobreviventes inocentes. Begin se recusou a deixar o barco até que todos tivessem evacuado. Como produto do Caso Altalena, dezesseis soldados do Irgun morreram, e mais três do exército israelense em formação. Duzentos combatentes foram presos, mas a maioria foi solta poucos dias depois.

Em 1967, Begin se juntou a uma delegação que visitou Sde Boker para pedir que Ben Gurion voltasse a ser primeiro ministro, durante a Guerra dos Seis Dias, quando se instaurou um governo de união nacional, dado o estado crítico. Depois desse dia, Ben Gurion disse que se conhecesse Begin como o conhecia agora, a história seria diferente.

5 Lechi

Durante a Segunda Guerra Mundial, os enfrentamentos entre judeus e britânicos em Eretz Israel sofreram um câmbio significativo. Uma vez que os ingleses faziam parte do grupo dos aliados, junto com EUA e URSS, para o Irgun seria contraditório lutar contra aqueles que beligeravam contra a Alemanha Nazista. Afinal, o regime do Terceiro Reich seria muito mais nocivo à população judaica do que o Mandato Britânico e a necessidade da constituição de um Estado de Israel. Para eles, era melhor esperar o conflito na Europa terminar e aproveitar a fragilidade inglesa no pós guerra para retomar a luta pela independência.

No entanto, havia um homem dentro do Irgun que discordava dessa noção. Nascido em 1907, em Suwalki, Polônia, Avraham "Yair" Stern era até então um membro importante no Irgun, onde tinha a missão de criar células revolucionárias na Europa Oriental durante a década de 1930, como o objetivo de capacitar e encorajar jovens a imigrar para a Palestina. Durante seu período

no Irgun, compôs o poema "Hayalim Almonim" que se tornou o hino da organização.

Chayalim almonim hinenu, beli maddim, Usevivenu eimah vetzalmavet. Kulanu gyasnu lechol hachayim. Mishurah meshachrer rak hammavet. Somos os soldados anônimos sem uniformes,

Cercado pelo medo e pela sombra da morte. Todos nós fomos convocados para a vida; Somente a morte nos libertará dessas fileiras.

Beyamim adumim shel pera'ot vedamim, Balleilot hashchorim shel ye'ush, Be'arim, bakkefarim et diglenu narim, Ve'alav haganah vechibush! Nos dias vermelhos de agitação e sangue

Nas noites escuras de desespero Nas cidades e nas aldeias, levantaremos nossas bandeiras Com "Defesa e Conquista" escrito neles.

Lo gyasno bashot kahamon avadim, Kedei lishpoch bannechar et damenu. Retzonenu lihyot le'olam benei-chorin! Chalomenu lamut be'ad artzeinu! Nós não somos sugados como escravos pelo chicote Para derramar nosso sangue em terras estrangeiras. Nosso desejo: ser um povo livre para sempre! Nosso sonho: morrer por nossa nação!

Beyamim adumim shel pera'ot vedamim, Balleilot hashchorim shel ye'ush, Be'arim, bakkefarim et diglenu narim, Ve'alav haganah vechibush! Nos dias vermelhos de agitação e sangue Nas noites escuras de desespero Nas cidades e nas aldeias, levantaremos nossas bandeiras Com "Defesa e Conquista" escrito neles.

Umikkal avarim rivavot michsholim Sam goral achzari al darkenu; 'Oh ovyvim, meraglim uvattei-'asurim Lo yuchelu la'atzor ba'adenu De todas as direções, dezenas de milhares de obstáculos Destinos cruéis moldaram nossos caminhos; Mas inimigos, espiões e prisões Não será capaz de nos parar

Beyamim adumim shel pera'ot vedamim, Balleilot hashchorim shel ye'ush, Be'arim, bakkefarim et diglenu narim, Ve'alav haganah vechibush! Nos dias vermelhos de agitação e sangue Nas noites escuras de desespero Nas cidades e nas aldeias, levantaremos nossas bandeiras Com "Defesa e Conquista" escrito neles.

Im anachnu nipol ba'rchovot, ba'batim. Yikabrunu ba laila balat; Bimkomeinu yavo'u alfei acheirim Lilchom ve'lichbosh adei-adanim, tehorim, haggufot-lilvenim Kim! Quando a morte nos encontrar em casa, na rua, para descansar no sossego da noite. Nossos lugares deixados vazios, vão ressoar aos pés dos milhares que agora vêm para a luta! Crianças, usar

Beyamim adumim shel pera'ot vedamim, Balleilot hashchorim shel ye'ush, Be'arim, bakkefarim et diglenu narim, Ve'alav haganah vechibush! Nos dias vermelhos de agitação e sangue Nas noites escuras de

desespero Nas cidades e nas aldeias, levantaremos nossas bandeiras
Com "Defesa e Conquista" escrito neles.

Be'dim'ot imahot shkulot mi'banim U'va'dam tinokot t'horim K'va'melet
nadbik ha'gufot lil'tinim U'vinyan ha'moledet nakimmaddim, e com
as lágrimas das mães enlutadas, E com o sangue de crianças in-
ocentes Como cimento, usaremos nossos corpos como blocos de con-
strução Para estabelecer a estrutura da casa!

Na noite do dia 1 de setembro de 1939, Stern e o alto escalão do Irgun foram presos após a descoberta das atuações desses membros em atos revolucionários contra o exército britânico. Foi durante o período no cárcere que Stern teve seu momento de epifania. Percebendo que os ingleses agora estavam muito mais preocupados com a Guerra Mundial, defendia que a luta contra os ocupantes não podia parar. Identificava, ademais, os ingleses como principais inimigos do povo judeu naquele momento, em clara divergência com o posicionamento oficial do Irgun. Dessa forma, em agosto de 1940, estabelece outro grupo militar, "Lochamei Cherut Israel" - Os lutadores pela liberdade de Israel, mais conhecido pelo acrônimo "Lechi".

Dessa forma, o Lechi foi criado basicamente sob três preceitos: lutar contra os ingleses independente da situação da guerra contra os nazistas, oposição ao alistamento de judeus no exército inglês durante a Segunda Guerra - ação que Jabotinsky, por exemplo, era a favor, e a ideia de colaboração com qualquer um que pudesse ajudar na luta contra os britânicos na Palestina.

O grupo tinha como objetivos a conquista e a liberação de Eretz Israel e o estabelecimento de um Reino Hebreu na região. É curioso citar que, ao contrário do senso comum, que define o Lechi como grupo de extrema direita, a organização era um verdadeiro mix político, contando com membros de qualquer espectro, desde que estivessem dispostos a lutar contra os ingleses e a defender a terra judia.

Em 1941, Stern escreve os Princípios da Renascença. Nela, define-se, basicamente, a plataforma ideológica do grupo, até sua dissolução em 1948 : o povo judeu é um só povo, Eretz Israel é sua terra, com as fronteiras conforme descritas na Torá, e a sua reconquista deve ser feita mediante a luta armada, para que assim, renasçam: a terra, o reino Hebreu e a nação de Israel.

Dessa forma, enquanto não houvesse o Estado de Israel, livre das mãos dos opressores que ocupam nossa terra, a luta deveria estabelecer-se de forma a educar o povo e ensinar o amor a nossa terra e o compromisso eterno a ela, unificando todo o povo em torno de uma bandeira do movimento de liberdade do povo hebreu - uma espécie de *Lihiot Am Chofshi beArtzenu*, ou seja, viver como um povo livre em nossa terra, como escrito na poesia do Hatikva. A luta em si seria feita com uma constante guerra contra todos que fiquem no nosso caminho de conquistar o objetivo máximo.

Depois de conseguir o estabelecimento do Estado Judeu com as fronteiras determinadas pela Torá, uma nova era de redenção e soberania reinaria. Nessa era, deveria estabelecer-se uma ordem social baseada no espírito judaico e na justiça usada pelos profetas, uma vez que era recebida diretamente de D'us. As

ruínas provenientes da guerra deveriam ser reparadas para preparar o terreno para uma futura migração judaica em massa, com o retorno de todos os judeus exilados na diáspora, e depois a multiplicação e a ocupação da terra.

O Estado de Israel deveria ser um exemplo para o mundo, sendo glorificado como potência militar, econômica, política e cultural. A parte cultural passava também pelo prisma do renascimento do Hebraico como língua do povo e como parte indissociável do seu caráter espiritual e histórico. Por fim, como símbolo da soberania sobre a terra de Israel, o terceiro templo deveria ser construído, em uma alusão a Era de Redenção Completa do povo judeu.

Apesar de ter objetivos bastante ambiciosos, o Lechi nunca foi uma organização com grande quantidade de combatentes. Com isso, optavam por métodos de combater mais incisivos e agressivos, sendo buscados como prioridade pelo exército britânico no Yishuv.

Ainda, buscaram ganhar apoio e fundos por meio de propaganda, como por exemplo utilizando-se de rádios clandestinas, onde Geula Cohen, futura Chaverá Knesset e membro do Betar durante a juventude. A rádio, chamada de "A voz dos lutadores de Sion" esteve em atividade por 7 anos - de 1941 até 1948-, quando o grupo se uniu a Irgun e Haganá para formar o que chamamos hoje de Tzavá Haganá Leumi - Tzahal. Além disso, tinham um jornal, chamado HeChazit e outro informe semanal sobre as operações, denominado Hama'as. Precisando de armas para realizar a resistência, o Lechi, que no início contava com poucas. As que tinham haviam sido compradas por Stern de autoridades polonesas ainda antes da Segunda Guerra. No entanto, por sua atuação agressiva contra os oficiais britânicos no Yishuv, alguns armazéns foram saqueados. Assim, começaram a fabricar em oficinas subterrâneas, armas, munições, explosivos, granadas, entre outros tipos de armamento. Provavelmente o ponto mais controverso da curta história do grupo seja o contato com o regime nazista durante a década de 1940. Antes de chegar a informação sobre o plano da Operação Final aos ouvidos da população do Yishuv, Stern já tinha ciência de que os judeus sofriam nas mãos do regime nazista. Com isso, enviou Naftali Lubinchink, um membro do grupo, para conversar com o ministro das relações exteriores alemão. A ideia do plano era de propor uma solução para a questão judaica na Europa - mandar a população toda para a Palestina. Em troca, se comprometiam a formar, com os recém imigrados, uma força de defesa no Yishuv que ajudasse os nazistas na luta contra os britânicos no Yishuv. A proposta, no entanto, não foi sequer escutada pelos alemães.

Em 1942, o Lechi sofreu um grande baque. O fundador e, até então, líder da organização começou a figurar entre os rostos mais procurados de Eretz Israel pelo Mandato Britânico. Os ingleses, inclusive, puseram uma recompensa sobre a sua cabeça. Assim, Stern passou a viver constantemente em movimento, indo de refúgio em refúgio, até que, em 12 de fevereiro desse ano foi encontrado, rendido e neutralizado e, depois, covardemente, assassinado a tiros pelos oficiais britânicos.

A partir de então, o grupo sofreu uma espécie de crise de liderança. Assim, três combatentes assumiram os cargos de comando com a morte de Avraham Yair Stern: Ytzhak Shamir, Nathan Yellin-Mor e Israel Eldad.

Em 1944, talvez uma das operações mais famosas do Lechi tomou forma: o assassinato do Lord Moyne. Para isso, os encarregados foram Eliahu Hakim e Eliyahu Bet-Tzuri. Ambos emboscaram o veículo do oficial britânico, no bairro residencial de Zamalek, perto de sua residência, e o mataram a tiros.

Apesar de ter funcionado por menos tempo e com menos homens, o Lechi teve uma grande influência na consolidação posterior do Estado de Israel. Além de Stern, que teve uma influência inegável, sendo admirado até por Ben Gurion, um opositor natural do grupo, Bet-Tzuri e Hakim, responsáveis pela morte do Lord Moyne, e, Moshe Barazani, oficial do Lechi responsável pela operação onde ia matar um oficial inglês - A.P. Davies - com uma granada, entraram para a história de Medinat Israel por constituírem o seleto grupo de homens que foram mortos pelo Mandato Britânico por resistir até o final de suas vidas. Levaram a cabo a ideia de que só seriam dispensados de seus serviços quando morressem, como Stern escreve em Hayalim Almonim. Esse grupo é o que conhecemos hoje por Olei HaGardom. Bet-Tzuri e Hakim foram mortos por enforcamento como punição pelo assassinato de Moyne em 1945. Já Barazani, quando condenado à morte por sua missão, se abraçou com Meir Feinstein, membro do Irgun, e se explodiram juntos, se negando a morrer nas mãos dos britânicos.

5.1 Operações Bola de Neve e represália inglesa

Ao largo do mandato britânico, a represália aos grupos clandestinos - Haganá, Lechi e Irgun, principalmente - sofreu uma escalada conforme aumentava a necessidade de se escapar para a Palestina, pressionando pela criação do Estado Judaico. Isso porque, dado que a população nativa árabe também identificava a Palestina como seu lar nacional, a eles era extremamente mal quista a imigração judaica para a área. Com isso, começam a realizar atentados não só contra os judeus, vide o massacre de Hebron, mas também a pressionar os britânicos a restringirem essa imigração e a instalação de novos assentamentos judaicos. No limite, essa situação levou a publicação do Livro Branco da Palestina, no qual se estabeleceu um limite máximo de 75 mil judeus que poderiam imigrar legalmente nos cinco anos subsequentes. Ademais, a compra e a fundação de novas colônias seria terminantemente proibida. A medida desagradou não só à população judaica que sofria nas garras do monstro do Terceiro Reich na Europa, mas também aos judeus locais, em especial, os pertencentes aos grupos paramilitares. Diante disso, a princípio, a decisão tomada foi diversa. Enquanto Irgun e Haganá acreditavam que não se deveria lutar contra os britânicos até que se terminasse a guerra - mas que a resistência seria feita por meio do auxílio da imigração ilegal e também da prática de "Chomá uMigdal"- muralha e torre. Essa prática consistia em, um curto período de horas, a maioria das vezes durante uma noite, construir uma torre e uma muralha, fundando um novo assentamento. Pela lei romana, ainda vigente naquele então, o assentamento se tornava legal se tivesse esses dois pré-requisitos. Com isso, não seria possível, legalmente falando, destruir ou punir pela sua instalação. No entanto, em 1943, já estava claro que a vitória dos aliados era uma questão de tempo. Apesar disso, o extermínio dos judeus nos campos da Europa seguia a todo vapor.

Mesmo diante das dimensões do Holocausto, já conhecida nesse momento por todo o mundo, os britânicos relutaram em admitir a imigração judaica. Pior, em vários casos, forçavam os navios clandestinos voltarem a Europa, onde o destino dessas pessoas era bastante claro. Essa posição enfureceu os grupos paramilitares do Yishuv, levando então à retirada da trégua que havia sido estabelecida no início da guerra. Nesse sentido, o Irgun começou a ser mais incisivo com a força britânica, no esforço de estabelecer o Estado de Israel antes que fosse muito tarde. Foi nesse cenário que a represália inglesa se intensificou dentro do Yishuv. A polícia britânica passou a empreender emboscadas que ficaram conhecidas como as Operações Bola de Neve. Quaisquer integrantes do Irgun ou do Lechi que fossem suspeitos identificados eram mandados para um campo de detentos em Latrun e, depois, movidos para campos localizados no Continente Africano. O motivo principal para tal exílio era o medo de esses membros escaparem e voltar a realizar ataques às forças inglesas. Em 1944, passaram a transportar os "criminosos" para a costa oriental africana - principalmente na Eritreia, no Quênia e no Sudão. Dentre os detentos, inclusive, estava David Horn - ex-Mefaked Maoz do Betar em Jerusalém e fundador do clube de futebol Beitar Yerushalaim. Estima-se que 60

6 Comandantes e Olei HaGardom

6.1 Comandantes-Chefe do Irgun

Avraham Tehomi (1903-1990):

Primeiro Comandante-Chefe Avraham Tehomi, também advindo de Odessa, emigrou à Eretz Israel como um chaltz, trabalhando na construção de estradas. Completou o curso da Haganá com mérito e, em 1929, foi apontado comandante do grupo paramilitar no Distrito de Jerusalém, cargo o qual exerceu por dois anos. As revoltas de 1929 causaram discussões entre os líderes da Haganá, os quais discordavam a respeito de qual seria a retaliação apropriada. Com isso, Tehomi deixou a Haganá e estabeleceu, juntamente às ações de Jabotinsky, o Irgun Tzvai Leumi, passando a fazer parte de seu comando. Apesar de ter tentado reunir as duas organizações, retornou à Haganá em 1937 para assumir um cargo sênior. Quando a organização falhou em cumprir suas obrigações do acordo de amalgamação, Tehomi se demitiu e, dali em diante, passou a participar em uma série de atividades e trabalhos de inteligência referentes à imigração clandestina. Anos depois, ao se aposentar de todas as suas funções, foi morar nos Estados Unidos.

Robert Bitker (1907-1977): -

Segundo Comandante-Chefe Originário do Império Russo, Bitker emigrou para a China e lá foi comandante da sede do Betar local. Também liderou a Unidade Judaica Militar na zona internacional de Shanghai sob o ranking de coronel. Fez aliá para Eretz Israel em 1937 e juntou-se ao Quartel General do Irgun. Depois de ser comandante da instituição e ter retornado aos cargos da Haganá, foi nomeado comandante-chefe do Irgun. Foi deposto logo depois

por causa de seu envolvimento no roubo de um membro do Irgun no Banco HaPoalim e se foi aos Estados Unidos, onde viveu até seus últimos dias.

Moshe Rozenberg (1890-1989) -

Terceiro Comandante-Chefe Também nascido no Império Russo, fez aliá para Eretz Israel em 1921 e participou da Defesa Judaica de Yafo. Ao lado de Tehomi, participou do curso de instrução da Haganá. Encontrava-se entre os fundadores do Irgun em seus primórdios e juntou-se ao Movimento Revisionista.

David Raziel (1910-1941) -

Quarto Comandante-Chefe Advindo de Vilna, no Império Russo, Raziel fez aliá com a família aos três anos de idade. Com o começo das revoltas árabes de 1929, juntou-se à Haganá em Jerusalém, onde estava estudando Filosofia e Matemática na Universidade Hebraica. Quando o Irgun foi estabelecido, ele foi um dos primeiros membros a se juntar e, desde lá, apresentava extraordinárias habilidades militares. Em 1937 foi nomeado comandante do distrito de Jerusalém e, apenas um ano depois, assumiu o cargo de Comandante-Chefe do Irgun. Em 1940, após a morte do Líder do Irgun e Rosh Betar, Zeev Jabotinsky, escreveu sua Pekudat Evel (Ordem de Luto). No dia 17 de maio de 1941, foi enviado ao Iraque, ao lado de três companheiros, em nome do exército britânico. No dia seguinte, uma bomba de uma aeronave alemã o matou.

Yaakov Meridor (1913-1995) -

Quinto Comandante-Chefe Provindo da Polônia, na época parte do Império Russo, Meridor emigrou para Eretz Israel em 1932 e, no ano seguinte, juntou-se ao Irgun. Acompanhou David Raziel em sua última operação e, após sua morte, foi nomeado Comandante-Chefe. Abdicou seu cargo para Menachem Begin, em 1943, e começou a exercer funções sênior no Irgun até a Haganá entregá-lo para os britânicos, em 1945. Juntamente a outros membros dos grupos underground, passou por diversos campos de detenção na África e performou desafiadoras tentativas de escape. Em 1948, em uma tentativa bem-sucedida, foi capaz de fugir e chegar a Israel exatamente no dia da Declaração de Independência. Begin lhe deu a tarefa de lidar com a integração do Irgun ao exército de Israel (IDF). Foi um dos fundadores do partido Cherut e serviu como membro da primeira e da sexta Knesset. Em 1981, tornou-se Ministro da Economia e do Planejamento do governo Begin. Por fim, publicou o livro "Long is The Way to Freedom" - Longo é o Caminho para a Liberdade.

Menachem Begin (1913-1992) -

Último Comandante-Chefe Begin nasceu em Brisk, na Polônia, onde serviu como comandante do Betar. Com o começo da Segunda Guerra Mundial, foi preso em um campo soviético no norte da Sibéria. Ao ser liberado, ingressou na força armada polaca estabelecida na União Soviética. Em 1942, chegou a Eretz Israel como soldado. Após a desmobilização, no final do ano seguinte, foi nomeado Comandante-Chefe do Irgun. Sob comando de Begin, o Etsel declarou uma revolta contra os britânicos na Palestina e segurou as dificuldades até a formação de Medinat Israel. Durante os anos de underground precedentes, os britânicos investiram grandes esforços em tentativas de capturar Begin, tendo oferecido 5 mil libras esterlinas por informação em grande parte desse tempo. Após o desmantelamento do Irgun e sua consequente integração à IDF, Begin

estabeleceu e comandou o movimento Cherut. A partir de 1965, passou a liderar o Gahal (bloco Cherut-Liberal) e, posteriormente, o Likud. Foi eleito sexto primeiro-ministro de Israel em 1977, e um de seus grandes feitos foi a assinatura do tratado de paz com o Egito. Abdicou do cargo e de sua vida política em setembro de 1983

6.2 Olei HaGardom do Irgun

São conhecidos como Olei HaGardom os doze membros do Etzel e do Lechi que, ao desafiarem a corte e as imposições inglesas em Eretz Israel durante o Mandato Britânico, foram sentenciados à morte por enforcamento, tendo orgulhosamente entregado suas vidas em prol da futura concretização do sonho do Estado Judeu.

Shlomo Ben Yossef (1913-1938)

Shalom Tabashnik nasceu em maio de 1913, na Polônia, onde cresceu sob um lar tradicional judaico. Juntou-se ao Betar em 1928 e emigrou à então Palestina em 1937, após o falecimento de seu pai. Contudo, sem autorização legal da Agência Judaica para tal, juntou-se ao projeto de imigrantes clandestinos "Af Al Pi". Integrou-se à brigada de trabalho betarí em Rosh Piná e, um pouco depois, foi aceito na seleção do Irgun. Lá, queimou seu passaporte estrangeiro e mudou seu nome para Shlomo Ben-Yossef. Após atirar em um árabe em retaliação ao assassinato de seis judeus, Shlomo foi preso pelos britânicos e sentenciado à morte no dia 29 de junho de 1938. Seu pedido para subir à forca de tilboshet foi negado, porém ainda assim se foi aos 25 anos de idade gritando: "Yechi Jabotinsky! Lamut o lichbosh et ha'ar", isto é, "Viva Jabotinsky! Morrer ou conquistar a montanha". Em seus últimos respiros, cantou o Hatikva e o Shir Betar, juntamente às vozes de outros prisioneiros da Prisão de Akko.

Dov Gruner (1912-1947)

Nascido em dezembro de 1912, na Hungria, Dov Gruner integrou-se ao Betar em 1938. Dois anos depois, emigrou para Eretz Israel a bordo do Skaria, navio de imigração ilegal organizado pelo movimento. Ao final de seis meses de treinamento na base de Atlit, juntou-se à brigada de trabalho betarí em Rosh Piná, ao passo que ascendia no Irgun. Entrou no exército britânico em 1941 a fim de combater os nazistas e, juntamente à Legião Judaica, socorreu sobreviventes da Shoá na Europa. Voltou às suas atividades no Etzel em março de 1946, passando a participar de sua força de batalha. Enquanto ainda afastado temporariamente, participou da requisição de armas de um depósito britânico perto de Netanya. Após dez dias, partiu à sua segunda e última operação: o ataque da estação policial de Ramat Gan. Foi ferido severamente, preso pelos britânicos e sentenciado à forca em 16 de abril de 1947. Seu último discurso no tribunal foi extremamente simbólico - muitos membros do Irgun e do Lechi já haviam passado por ali, porém Gruner foi o primeiro a desafiar abertamente os britânicos e acusá-los de serem estranhos em uma terra que não lhes pertencia, forçando a voz sionista sob o poder da realeza britânica. A fala ecoou por Eretz Israel o senso de resistência e esperança pela futura concretização do Estado Judaico. Na prisão de Akko, se foi ao som de Hatikva.

Eliezer Kashani (1923-1947), Mordechai Alkachi (1925-1947) e Yehiel Dresner (1922-1947)

Filho de pais persas, Kashani nasceu em Petah Tikva e, ainda jovem, fez parte do grupo Macabi e começou a trabalhar para ajudar a família. Em 1944, foi abordado pelos ingleses e acusado de ser membro do Etzel, organização a qual nem conhecia na época. Com isso, mandaram-no para uma espécie de reformatório em Latrun, onde conheceu outros membros do Irgun e decidiu, em 1945, juntar-se à organização. Alkachi, por sua vez, também nasceu em Petah Tikva, onde morava com sua família de imigrantes turcos. Largou os estudos aos catorze anos e passou a contribuir para o sustento da casa. Igualmente, juntou-se ao Macabi e tornou-se um atleta promissor, viajando e entrando em contato com os mais diversos grupos, entre eles, o Irgun, unindo-se a ele em 1941. Já Dresner nasceu na Polônia, onde viveu até os onze anos de idade, quando sua família decidiu fazer aliá. Em Jerusalém, estabeleceu seu primeiro contato com o Betar, porém sentia que não era o bastante e filiou-se ao Etzel em 1940.

Dentro do grupo paramilitar, em 1946, Dresner e Alkachi eram membros experientes, enquanto Kashani vinha se mostrando um promissor combatente e sendo promovido a cargos altos. Apesar de não terem a mesma idade, todos compartilhavam o ideal da luta contra a coroa inglesa, a qual se mostrava um empecilho para o futuro Estado judeu. Amigos, passaram a participar em missões juntos. Na época, as sanções contra os membros dos grupos underground estavam sendo intensificadas pelos britânicos, a exemplo da detenção de Benyamin Kimchi, membro do Irgun detido pelo ataque ao banco otomano de Yafo, que recebeu como sentença dezoito chibatadas e dezoito anos de prisão, humilhando sua integridade e desrespeitando o número representativo da vida na religião judaica. Em retaliação, uma equipe de cinco combatentes do Irgun foi montada, entre eles os três combatentes em questão. Enviados a Rishon LeTzion, deveriam sequestrar um importante oficial inglês. Contudo, os britânicos, já preparados para alguma operação do tipo, foram capazes de neutralizar o carro com os membros da missão e, após longos minutos de tiros e gritos, os combatentes foram capturados. O motorista do carro foi atingido e veio a falecer, porém os quatro jovens restantes foram punidos, torturados e, posteriormente, encaminhados à Prisão Central de Jerusalém, onde seria o julgamento.

Em 10 de fevereiro de 1947, Dresner, Alkachi, Kashani e Golovksy foram acusados dos crimes de "terrorismo" e "traição", porém decidiram, juntos, não reconhecer uma palavra sequer das falácias ali denunciadas. Afirmaram que não eram prisioneiros de guerra, mas sim prisioneiros da guerra: da causa judaica por um Estado judeu. Estavam prontos para morrer para que as próximas gerações judias pudessem viver na futura Medinat Israel. Enquanto Golovksy foi condenado à prisão perpétua devido à pouca idade, os três combatentes restantes teriam sua vida tirada pela força. Ao ouvirem seu destino, puseram-se de pé e, uníssonos, cantaram o Hatikva. Foram enviados para a Prisão de Akko juntamente a Dov Gruner e, após a sua execução, foram calmos e de cabeça erguida em direção à deles. Ao som do presente hino de nosso país, suas vidas foram dolorosamente levadas.

Meir Feinstein (1927-1947)

Meir Feinstein nasceu em 5 de outubro de 1927, na Cidade Velha de Jerusalém. Filho de pais religiosos, Feinstein iniciou seus estudos na Yeshivá Etz Hayim, mas, devido à morte de seu pai, enquanto ainda era muito jovem, viu-se na obrigação de ajudar a sustentar sua família. Começou sua jornada trabalhando em Jerusalém, e em seguida foi para agricultura, no Kibutz Givat Hashlosha, onde conheceu e se juntou à Haganah. Em 1944, quando tinha 17 anos, usou uma certidão de nascimento falsa e ingressou no exército britânico após rumores sobre a Shoá começarem a se espalhar. Depois de ter sido dispensado, Meir se juntou ao Irgun, onde começou na unidade de propaganda e foi, depois enviado para um curso de comandantes, durante o qual foi escolhido para a missão de atacar a estação ferroviária de Jerusalém (30 de outubro de 1946). Após a explosão, Meir foi preso pela polícia britânica e levado ao Hospital do Governo. Devido aos seus ferimentos, teve seu braço amputado. Feinstein foi julgado por um tribunal militar e condenado à morte por enforcamento. Na segunda feira, dia 21 de abril de 1947, meia hora antes de sua execução, Feinstein e seu amigo de cela Moshe Barazani, que haviam conseguido contrabandear uma granada para dentro da prisão, abraçaram-se, colocaram a granada perto de seus corações e se explodiram, morrendo juntos como heróis. A história de Feinstein e Barazani tornou-se um dos contos mais famosos da história do sionismo. Menachem Begin ficou tão comovido com os atos dos dois homens que ele pediu em seu testamento que ele fosse enterrado ao lado deles no Monte das Oliveiras.

Avshalom Chaviv (1926-1947), Meir Nakar (1926-1947) e Yaakov Weiss (1924-1947)

Meir Nakar nasceu no ano de 1926, em Jerusalém. Membro do Betar desde seus quatorze anos, juntou-se ao exército britânico dois anos depois. Dentro do exército, à medida em que foi designado a diversas unidades e a diversos países, percebeu a persistente presença do antissemitismo, o que fez com que suas visões sionistas viessem à tona. Foi dispensado em 1946 e retornou à casa para ajudar seu pai em seu trabalho. Decidiu, então, juntar-se ao Etsel, para lutar por seus ideais e contra o antissemitismo, onde recebeu o codinome "Yehiam". Yakov Weiss nasceu em 1924, na antiga Tchecoslováquia, onde vivia com seus pais e sua irmã, de origem húngara-judaica. Quando completou dez anos, foi mandado ao Ginásio Judaico de Munkács, na Ucrânia, onde estudou durante sua juventude. Lá, começou a frequentar o Betar. Conforme foi crescendo, Weiss descobria e desenvolvia cada vez mais sua visão sionista e seu forte senso de defesa do povo judeu. Por volta de seus dezoito anos, se deparou com um momento muito difícil em sua vida: o ápice da Segunda Guerra Mundial junto à morte de seu pai. Realizou sua aliá clandestinamente em 1945 e, no mesmo ano, ingressou no Irgun. Avshalom Chaviv nasceu em 1926, na cidade de Haifa, e se mudou para Jerusalém ainda criança. Enquanto cursava o Ensino Médio, agregou-se ao Etsel. Durante seus estudos na Universidade Hebraica, serviu ao Palmach de forma a liberar os imigrantes retidos na fronteira. Ao resumir seu serviço no Irgun, seguiu lutando contra a polícia e o exército britânicos. Nakar, Weiss e Chaviv foram capturados durante a operação de resgate dos prisioneiros da cárcere de Akko, executada pelo Irgun. Com isso, foram sentenciados à morte

por enforcamento. Na noite anterior da execução, cantarolaram em sua cela compartilhada músicas como o Hatikva e o Shir Betar. Juntos, no dia 29 de julho de 1947, caminharam em direção a seu destino e, novamente, entoaram o futuro hino do Estado Judeu em consonância com os demais prisioneiros. Passados alguns minutos, Chaviv já não cantava mais. Em seguida, a voz de Nakar cessou e, por fim, Weiss também se foi.

7 O Legado: contribuição para Medinat Israel

Com a proclamação de independência de Israel, em 5 de Iyar de 5708 (14 de maio de 1948), deveria-se estabelecer um exército nacional. Para esse fim, foi formalmente estabelecida a IDF (Israel Defense Forces) doze dias depois, dando início ao processo de absorção de todas as organizações paramilitares à instituição maior. Assim, no dia primeiro de junho do mesmo ano, Menachem Begin e Yisrael Galili assinaram um acordo que formalizava a adesão do Etzel às forças de defesa de Israel.

Se passarmos a olhar em retrospectiva para as operações do Etzel vemos que, claramente, as práticas e lemas utilizados pelo grupo paramilitar têm grande influência sobre a maneira como se constituiu o Tzahal hoje em dia.

Tanto em King David, como durante a Campanha pela Conquista de Yaffa ou a Operação de Deir Yassin, por exemplo, vemos que a prática de avisar onde iriam atacar para que houvesse o dano possível aos civis inocentes ainda se constitui até o dia de hoje. Os discursos de Ranaan e de Begin nas operações nas quais eram os comandantes inspiram a atuação do Tzahal de que não devem atacar crianças, idosos ou mulheres, além de qualquer um que se renda, além de oferecer remoção em segurança de todos aqueles que não se envolvessem no conflito armado.

O caso dos Olei Hagardom nos mostra também o tamanho do heroísmo e como a ideologia do Betar e, por consequência, levada a cabo em certa instância pelo Irgun e pelo Lechi, de que devemos morrer ou conquistar a montanha, de que devemos nos doar para a criação do Estado Judeu e que, nesse caso, foi levado ao extremo.

De Altalena, tiramos a lição de que, no fim, o povo de Israel é antes uma família, depois um povo, depois uma religião e, por último a ideologia. Assim como não declaramos guerra a nenhum irmão, não declaramos guerra contra os opositores políticos, porque no fim, ambos estão lutando pelo mesmo propósito, só que com visões e maneiras de atuação diferentes.

8 LINHA DO TEMPO E COMANDANTES DO IRGUN:

8.1 Comandantes:

Zeev Jabotinsky - Primeiro comandante do Irgun Avraham Tehomi - Primeiro comandante chefe Robert Bitker - Segundo comandante chefe Moshe Rozenberg - Terceiro comandante chefe David Raziell - Quarto comandante chefe Yaakov Meridor - Quinto comandante chefe Menachem Begin - Último comandante

8.2 Linha do tempo com maiores acontecimentos e operações:

- 10 de Abril de 1931: Separação oficial do Irgun da Haganá. Os comandantes da Haganá em Jerusalém, encabeçados por Avraham (Gideon) Tehomi enviaram uma carta para a Executiva Nacional onde declararam sua decisão de acabar com suas atividades dentro da organização. “Haganá B” (Irgun) começava então sua jornada independente.
- 19 de Novembro de 1932: O nome “Irgun Tzvai Leumi” aparece pela primeira vez durante um juramento em uma cerimônia oficial de comandantes da “Haganá Nacional” em Jerusalém.
- Agosto de 1934: O navio ilegal de imigrantes “Union” trouxe 117 pessoas para a praia de Tel Aviv. Primeira ação dos ativistas do grupo de Jabotinsky para trazer imigrantes ilegais pelo mar. Ao final, dezenas de embarcações chegaram às margens de suas casas nesta operação, organizada pelo Betar, pela Nova Organização Sionista e pelo Irgun, que levou milhares de imigrantes Europeus à Eretz Israel. Essa imigração é conhecida como “Aliyah Af-Al-Pi” e foi a maior operação de resgate na véspera da destruição da vida judaica na Europa.
- 17 de Janeiro de 1935: Abertura da “Betar Naval School” em Civitavecchia, na Itália.
- 5 de dezembro de 1936: Jabotinsky e Avraham Tehomi (comandante do Irgun) acordam que agora o Irgun estaria oficialmente nas mãos e total responsabilidade de Tehomi.
- 14 de Novembro de 1937: Irgun quebra a Havlaga (contenção própria) em Jerusalém e agora deixa de ser apenas um grupo de defesa “passiva” para um grupo de defesa ativa.
- 21 de Abril de 1938: 3 membros do Grupo de Mobilização Betar em Rosh-Pina, Shlomo ben Yossef, Shalom Zurabin e Avraham Shein atacam um ônibus árabe na estrada “Rosh Pina Safed” em retaliação aos assassinatos e ataques árabes naquela região. A granada jogada no ônibus não explodiu. Os três foram presos e Shlomo Ben Yossef foi condenado à morte na forca no dia 5 de Junho de 1938.

- 29 de Junho de 1938: Shlomo Ben Yossef, membro do Betar e do Irgun, foi executado. Sua coragem e comportamento exemplar fizeram dele um símbolo para juventude judaica em Israel e na Diáspora.
- 4 de maio de 1947: Grande fuga da prisão de Akko.
- 19 de Maio de 1939: Aeronave do comandante do Irgun, David Raziel é interceptado pelos britânicos em um voo de Tel Aviv - Haifa e é preso.
- 21 de Abril de 1947: Moshé Barazani e Meit Feinstein se negam à morte pela força e pelas mãos dos britânicos e se explodem abraçados em uma granada que conseguiram transportar para dentro da prisão.
- 29 de Julho de 1947: Soldados do Irgun Yaacov Weiss, Avshalom Haviv e Meir Nakar são executados na prisão de Akko.
- 9 de Abril de 1948: Dir-Yassin.
- 21 de Setembro de 1948: Última unidade do Irgun em Jerusalém é desmanchada e passam a lutar junto da IDF (em unidades separadas) e participar em outras batalhas por Jerusalém, Lydda, Ramle, Ashdod, Yavne e Mishmar Hayarden.